

“PARA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES”¹: AS FESTAS CÍVICAS ESCOLARES COMO ESPAÇO DE REPRESENTAÇÃO DE SABERES E PRÁTICAS EDUCATIVAS EM SERGIPE DURANTE OS ANOS DE 1964 A 1985

v. 11 n. 23 (2023) : BILROS 2023.2

Patrícia Batista dos Santos

Doutora em Educação (UNIT). Pesquisadora do Grupo de pesquisa em História da Educação do Nordeste (GPHEN/UNIT). Email: prof.patriciabs@gmail.com.

Cristiano Ferronato

Doutor em Educação (UFPB). Coordenador do programa de pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes (PPED/UNIT). Líder do Grupo de pesquisa em História da Educação do Nordeste (GPHEN/UNIT).Email: cristianoferronato@gmail.com.

¹ O título faz alusão a canção “Pra Não Dizer Que Não Falei Das Flores” composição de Geraldo Pedrosa de Araujo Dias.

“PARA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES”²: AS FESTAS CÍVICAS ESCOLARES COMO ESPAÇO DE REPRESENTAÇÃO DE SABERES E PRÁTICAS EDUCATIVAS EM SERGIPE DURANTE OS ANOS DE 1964 A 1985.

“NOT TO SAY THAT I DIDN’T TALK ABOUT FLOWERS”: SCHOOL CIVIC FESTIVALS AS A SPACE FOR REPRESENTING KNOWLEDGE AND EDUCATIONAL PRACTICES IN SERGIPE DURING THE YEARS FROM 1964 TO 1985.

Patrícia Batista dos Santos

Cristiano Ferronato

RESUMO

As festas cívicas escolares como espaço de representação de saberes e práticas educativas compõem o objeto desta investigação. Analisamos o papel da pedagogia das festas para os estudantes, bem como demonstrar a função curricular e política que as celebrações cívicas para os escolares apresentavam durante os governos de ditadura civil-militar. Assim, entendemos as comemorações cívicas escolares em Sergipe, nos anos entre 1964 e 1985, para além de momentos de divertimento, configuravam-se em oportunidades de formação da disciplina dos estudantes e da comunidade em sua volta. Eram ocasiões propícias para serem forjadas atitudes e mentalidades que se encontravam em consonância com o contexto sociopolítico da época, que também se refletiam no próprio currículo escolar, a exemplo dos conteúdos ministrados na disciplina Educação Física. Para tal, realizamos uma pesquisa histórica por meio de análise documental, ancorada nos pressupostos teórico-metodológicos da História Cultural. Por meio da pesquisa, foi possível constatar que as comemorações cívicas escolares em Sergipe se operacionalizaram enquanto rituais de celebrações e formação educacional atreladas aos conteúdos curriculares, forjando e apresentando à sociedade a forma de “educar”, a partir da disciplina e do civismo. Para a pesquisa foram selecionadas fontes diversas, dentre as quais se destacam documentos como: leis, jornais, periódicos impressos de divulgação local e imagens fotográficas. Desse modo, foi possível perceber a natureza das celebrações, destacando-se o culto à pátria, diante dos desfiles em comemoração ao aniversário da independência do Brasil, como também as atividades curriculares e extracurriculares vinculadas ao ensino da música e aos Jogos da Primavera.

PALAVRAS-CHAVE: História da Educação; Festas cívicas escolares; Ritos escolares.

ABSTRACT

² O título faz alusão a canção “Pra Não Dizer Que Não Falei Das Flores” composição de Geraldo Pedrosa De Araujo Dias.

School civic celebrations as spaces for representing knowledge and educational practices are the object of this research. We analyze the role of the pedagogy of celebrations for students, as well as demonstrate the curricular and political function that civic celebrations for students had during the civil-military dictatorship governments. Thus, we understand that school civic celebrations in Sergipe, between 1964 and 1985, in addition to being moments of fun, were opportunities for the formation of the discipline of students and the community around them. They were propitious occasions for the forging of attitudes and mentalities that were in line with the sociopolitical context of the time, which were also reflected in the school curriculum itself, such as the content taught in the Physical Education discipline. To this end, we conducted historical research through documentary analysis, anchored in the theoretical and methodological assumptions of Cultural History. Through the research, it was possible to verify that the school civic celebrations in Sergipe were operationalized as rituals of celebration and educational formation linked to the curricular contents, forging and presenting to society the way of “educating”, based on discipline and civics. For the research, diverse sources were selected, among which documents such as: laws, newspapers, printed periodicals of local dissemination and photographs stand out. In this way, it was possible to perceive the nature of the celebrations, highlighting the cult of the country, in the face of the parades in celebration of the anniversary of Brazil's independence, as well as the curricular and extracurricular activities linked to the teaching of music and the Spring Games.

KEY WORDS: History of Education; School civic festivals; School rites.

INTRODUÇÃO

Existem gestos no processo de escolarização que são inesquecíveis e permanecem vivos na memória individual e coletiva. Crianças em fila, a disposição das disciplinas escolares e seus currículos, a hora do recreio, a organização dos espaços e as comemorações escolares, indiciam movimentos presentes no que abarcamos por vida escolar. Segundo Pollak (1992),

[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p.5).

O termo comemoração pode ser definido como: “trazer a memória; fazer recordar; lembrar, festejar; celebrar³. Ao direcionarmos nosso olhar para as comemorações cívicas em Sergipe, no período de 1964 a 1985, objetivamos, percebemos que para além de tempos de divertimento elas apresentaram condutas que integradas ao currículo escolar e

³ Dicionário da língua portuguesa Aurélio 2000.

consequentemente, no processo pedagógico formavam os estudantes e a comunidade em sua volta, apontavam elementos, fatos e personagens que não deveriam ser esquecidos. Assim, as comemorações firmadas nos calendários escolares, solidificaram ritos que construíram ligações, que estruturam crenças e hábitos sociais.

Os ritos, desse modo, traduzir-se-ão como uma forma específica de se lidar com o tempo e com o espaço. É como se, pela liturgia da escolarização, houvesse interrupção do contínuo do tempo para se engendrar o lugar de um novo tempo, aquele do transcurso do ritual. (BOTO, 2014, p.110)

As Festas escolares são um elemento cultural e pedagógico não só pelos condicionamentos que suas estruturas carregam, mas também pelo papel simbólico que desempenham na vida social. O prestígio da escola dependerá, pois, de como essa se apresenta perante seus alunos e de toda a sociedade em torno dos seus muros.

Esses ritos perpassam toda a vida escolar nas suas múltiplas dimensões, em consonância com o tempo, espaço, fazeres pedagógicos e materialidade escolar. Aqui, percebemos os ritos atrelados ao currículo prescrito na legislação educacional, a partir dos conteúdos ensinados, do ensino da música, da Educação Moral e Cívica e da Educação Física como disciplinas escolares. Todavia, o divertimento avançou aos espaços escolares além de currículo pré-estabelecido, ancorando-se em saberes ensinados e percorrendo o conteúdo a partir do tato pedagógico.

Assim, pensar nas atividades festivas enquanto presença educativa no cotidiano da escola é visualizar os rituais sedimentados nas práticas escolares. Identificamos como exemplos de ritos o “bom dia, professora”, o ato de levantar-se com a chegada da diretora ou visitantes na sala de aula, a sirene que sinalizava o horário da chegada e saída e até mesmo o horário da refeição e de brincar. Como afirmou Faria Filho:

Se a representação da cultura escolar que se queria afirmar tinha no ordenamento espacial trazido pelos grupos escolares um de seus elementos fundamentais, apenas isso não bastava. Num meio onde a escola até então era uma instituição que se adaptava a vida das pessoas, [...] Era preciso mais que produzir e legitimar um novo espaço para a educação. Era preciso também que novas referências de tempos e novos ritmos fossem construídos e legitimados. (FARIA FILHO, 2000, p. 69)

Para transformar-se em aprendizagem, as atividades comemorativas deveriam ser planejadas no sentido de assegurar a vivência experimentada pelo educando. A familiaridade entre os alunos e o ambiente escolar possibilitava uma melhor acomodação dos saberes inculcados. Deste modo, as festas escolares ao proporcionarem, por algum motivo, o relaxamento, os risos soltos, o prazer momentâneo aos estudantes, deu-lhes a oportunidade de realizar suas experiências e retirar delas o maior proveito.

FIOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

As comemorações cívicas escolares, ou festas escolares, foram reconhecidas nos estudos historiográficos a partir do chamado movimento dos *Annales*, surgido no século XX, que trouxe outras percepções sobre interpretação da história, ao possibilitar a expansão do uso das fontes documentais, da interdisciplinaridade e da subjetividade na pesquisa científica. Esse alargamento deu abertura ao estudo de temáticas do cotidiano como os sentimentos, a infância, as práticas escolares, festas, dentre outros.

A presente investigação foi desenvolvida a partir de uma pesquisa histórica tomando por base fontes documentais, imagéticas. Foram selecionadas e mobilizadas fontes diversas, dentre as quais se destacam documentos como: leis, decretos, jornais, periódicos impressos de divulgação nacional e local, compêndios didáticos destinados aos alunos e imagens fotográficas. Ao acessarmos essas fontes, esses documentos, o fizemos ancorados nos ensinamentos de Jacques Le Goff, que afirmou:

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa. (LE GOFF, 1990, p. 536)

Na análise trabalhamos com a abordagem qualitativa que, além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma possibilidade para entender a natureza de um fenômeno social. A pesquisa qualitativa é sempre uma combinação nova e um arranjo

desconhecido em relação ao acervo já dado no passado da tradição, no qual se inscreve a pesquisa.

Seguindo esta linha de raciocínio, acerca da análise dos aspectos públicos e a intencionalidade das festas escolares, a documentação hemerográfica foi de importância ímpar, assim como os periódicos. Os jornais são uma das fontes mais utilizadas pelos pesquisadores da História da Educação, fontes estas que merecem cuidadosa análise, uma vez que seu produto – o jornal publicado – resulta de aspectos diversos, nem sempre presentes em suas páginas. Como melhor explicou De Luca, “igualmente importante é inquirir sobre suas ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses financeiros, aí incluídos os de caráter publicitário” (DE LUCA, 2009, p. 140). Ou seja, as fontes hemerográficas não são desprovidas de intencionalidades. A partir da análise dos impressos da época, foi possível vislumbrar os aspectos considerados de relevância social a serem comemorados.

Para a realização da operação historiográfica destacamos os seguintes periódicos: *Sergipe Jornal* (1964-1965), *Gazeta de Sergipe* (1964-1985), *Jornal de Sergipe* (1965-1985), *A Cruzada* (1964-1970). Embora não sejam as únicas fontes de pesquisa, foram de grande importância para a construção da narrativa desta investigação.

A respeito dos jornais e do papel da imprensa dos anos de 1964 a 1985, Iberê Dantas destacou:

O Diário de Aracaju, criado em 1964, órgão da cadeia dos Diários Associados, que pela própria orientação nacional trouxe consigo a marca registrada da sua tendência governista. O Sergipe Jornal, que apareceu em 1965, evitava emitir juízos os fatos políticos, mesmo assim, tiveram vida curta. A Gazeta de Sergipe, inicialmente tornou-se o órgão de imprensa mais visado pela censura e durante algum tempo resistiu. Mas depois seu proprietário foi-se integrando à nova ordem e houve um certo alinhamento com o sistema militar durante o seu fastígio. O jornal da Cidade, criado em 1972 preservou alguma distância, até que foi adquirido por Augusto Franco. O Jornal de Sergipe, reapareceu em 1978 e serviu aos oposicionistas. Mas, terminando o pleito, foi vendido a um grupo pragmático que procurou conviver com a vigilância oficial, sem perder a credibilidade. (DANTAS, 2002, p. 223)

Quanto às fontes imagéticas, vale dizer que auxiliaram de maneira particular na investigação, muitas delas acessadas em centros de memórias institucionais, como o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe-IGHSE e o Arquivo Público do Estado de Sergipe-APES, e de acervos particulares por meio dos álbuns de família. A pesquisa com estas fontes nos levou

a percepção de como as comemorações escolares ultrapassaram os muros da escola e se consolidaram ao longo do tempo, enquanto memória coletiva, já não pertencente apenas a um grupo ou a uma instituição.

A leitura dessas fontes fotográficas instigou a descoberta de diversos detalhes: a forma como as pessoas posavam para as fotos, quais roupas utilizavam, quem eram as personagens que se deixavam fotografar. Para Burke (2004), em seu livro *Testemunha Ocular: história e imagem*, o uso das imagens como fonte de pesquisa em história vem crescendo cada vez mais nas últimas décadas, estando ao lado do uso da literatura e testemunhos orais, dando uma importante contribuição para os estudos de cotidiano e mentalidades.

Inegavelmente, a cultura material pertencente ao universo escolar, salta aos olhos do pesquisador a partir da análise de fontes imagéticas. Os objetos próprios ou apropriados para o ambiente escolar são vistos e desvelam elementos minuciosos do cotidiano da escola, como também os caminhos pedagógicos e metodológicos seguidos pelas instituições de ensino. A este respeito, Escolano Benito esclareceu:

Assim, todo o material, imagem ou texto de uso escolar, desenterrado de um sítio, em qualquer operação arqueológica, pode ser considerado como um condensador ou sintetizador semântico e como um objeto narrativo ou informador, que conta coisas acerca da instituição em que foi utilizado, das práticas postas em ação como ele nas escolas, por docente e alunos, como também das teorias pedagógicas subjacentes às atividades didáticas, que se apoiavam na utilização do objeto ou documento em exame. (ESCOLANO, 2017, p. 226)

Desse modo, percebemos a importância do tema a ser pesquisado mediante a preservação da memória do processo de escolarização e também o debate acerca de novos elementos da pesquisa historiográfica para a História da Educação, a partir do recorte das comemorações escolares.

As comemorações cívicas escolares em Sergipe foram examinadas utilizando-se do método da etno-história, que, segundo Agustín Escolano Benito (2017), é capaz de nos aproximar do estudo da cultura empírica – histórica e atual - da escola, com rigor e método. Desta maneira, mergulhamos no conceito de cultura escolar por meio de dois autores: Escolano Benito (2017) e Dominique Julia (2001). O termo cultura vem sendo utilizado em pesquisas das ciências humanas, como uma forma de compreensão do cotidiano de uma

determinada época, assim, ao falar em cultura escolar, estamos levando em conta toda a conjuntura que cerca o processo de escolarização. Para Escolano:

Essa cultura escolar sedimenta práticas e discurso que se objetivam em tradições, gera *hábitus* de conduta nos sujeitos intervenientes, se estrutura em rituais estereotipados de curso prescrito e se simboliza em objetos materiais e em imagens com semântica que lhe conferem identidade. Tudo isso permite compreender essa cultura real da escola como uma construção social sobre a qual intervêm as outras esferas culturais: a acadêmica e a política. (ESCOLANO, 2017 p. 42)

Por cultura escolar, é conveniente conceber também as culturas que se desenvolvem nos pátios de recreio e a aproximação ou afastamento que apresentam em relação às culturas familiares. Percorreremos o conceito de festas por dois vieses: como ritos que significavam e validavam a vida escolar e como elementos que faziam teias entre os saberes escolares e a construção de uma imagem do centro do saber.

PEDAGOGIA DA FESTA: ENTRE O CURRÍCULO PROPOSTO E O TATO PEDAGÓGICO

A partir do estudo da cultura escolar, é possível conjecturar o entendimento acerca da formação do sentimento de pertencimento, ao ponto em que questões, como a identificação com o advento destas representações coletivas mais significativas, sejam definidas como objeto ou campo para pesquisa histórica. Elementos como as festas escolares reacenderam os debates em torno de aspectos que (quase) nunca foram levados em conta, como o cotidiano das festas, para as pesquisas em História da Educação.

Originárias de tradição que remonta à antiguidade, as festas estiveram presentes no imaginário e nas representações das sociedades. De certo modo, além de consistirem em um momento de descanso das atividades cotidianas, é importante salientar que elas contiveram uma conotação ritualística, focadas em celebrar conquistas, datas ou até mesmo divindades.

A dinâmica celebrativa, no entanto, não foi limitada ao mundo adulto, ela ocorreu nas mais diversas esferas sociais, o que incluía o universo da criança. No Brasil, o desenho e a construção de um projeto educacional forte eram fundamentais aos anseios da nova nação.

Algumas medidas foram tomadas para redimensionar essas novas estruturas. Podemos destacar, dentre outras, a construção de novos espaços escolares, a organização e a projeção de novas perspectivas para a formação docente, como também de novos componentes curriculares.

A simbologia das festividades encanta, enche salões de vida e de *glamour*, despertando novas sinapses no imaginário do adulto e das crianças. A infância, influenciada pelo mundo das relações sociais, teria no universo escolar sua oportunidade de ser parte e de forjar-se conforme o esperado ao indivíduo do seu tempo. Por meio da educação, os ensinamentos e as relações interpessoais trariam às crianças a oportunidade de pertencer ao processo nacional e de atuar em salões e espaços, preparando-as para outras fases de desenvolvimento da sua vida.

A valorização da festa como experiência educativa, sinaliza para a legitimação da arte do fazer cotidiano para a instrução escolar. Conforme Escolano (2017), existem três culturas que incidem no campo da educação – a empírica, a acadêmica e a política. Ao pensar a respeito do lugar das festas escolares para estudantes e dos estudantes, esbarramos na perspectiva de que elas se encontram em ponto focal, como um espaço de interlocução das esferas da cultura.

Ao examinarmos os elementos e as experiências pertencentes às escolas no que se refere às festas, foi possível abranger o encontro desses elementos nos documentos questionados, mais especificamente nos impressos como jornais, calendários comemorativos e compêndios escolares. Tais impressos falaram da intersecção entre a cultura política, acadêmica e empírica ligada ao processo educativo. Identificamos alguns temas presentes nas celebrações que aludem aos fazeres escolares.

Diante da busca dos elementos que caracterizam o objeto (comemorações escolares), foi perceptível, a partir da leitura das fontes, notarmos as orientações de uma cultura acadêmica que trouxe pilares para um conhecimento científico e apontou para os desdobramentos e interfaces do modo de aprendizagem, dos conteúdos das disciplinas acadêmicas, muitas vezes transformando em matérias curriculares para a escola. No que se refere aos fazeres práticos do movimento das instituições escolares em volta dos temas das celebrações, pontuamos a presença da cultura empírica e sua práxis. Esta, por sua vez, ampara-se na legalidade da cultura política que, muitas vezes, utiliza-se da normativa legal para direcionar a cadência, os temas e lugares das comemorações.

Assim, investigar as práticas celebrativas para escolares e com os escolares nos anos de ditadura civil-militar no Brasil, significa observar de maneira particular essa intersecção entre os elementos da cultura escolar, acadêmica e política, percebendo como elas se emaranham em determinados momentos. Desta feita, apreendemos as festas em comemoração aos símbolos da pátria e os temas referentes às datas memorativas, a saber: datas religiosas, rituais de passagens, dia da criança e da cultura regional. A ideia é:

[...] decifrar nas próprias coisas e em suas representações textuais ou icônicas – os códigos secretos que as regulamenta, e, ao mesmo tempo, regulam suas continuidades e transformações. Fazer falar essas materialidades leva a abrir a memória que nelas está inserida e a intuir ou explicar os discursos que as constituíram. (ESCOLANO, 2017, p. 225)

Às instituições de ensino, coube também a tarefa de organizar conteúdos curriculares e atividades representativas voltadas para as práticas de instrução. As festas realizadas pela escola, pontuando datas de celebração como festa de férias, as apresentações teatrais, o culto à pátria e a celebração dos jogos escolares, tornaram-se eventos sociais, contando com a presença da comunidade escolar e de membros da sociedade civil e militar. Além disso, demarcaram e construíram um calendário de ritualização e conteúdos festivos.

Os objetos presentes em instituições que resguardam a memória da escola, os compêndios didáticos, as notícias apresentadas nos impressos e álbuns fotográficos, são elementos essenciais para entender como teciam, na vida escolar, as práticas empíricas nas quais imprimiam um modo bem definido de educação. Dito isto, consideramos as comemorações escolares enquanto um fazer pedagógico que, nas palavras de Escolano, “[...] se cristalizou, se destacou em experiência e se transmitiu, de forma relativamente estável, de geração em geração” (ESCOLANO, 2017, p. 22).

As solenidades possibilitaram que os calendários escolares fossem erguidos em diferentes circunstâncias e estabelecidos como marcos da memória e identidade coletivas. Isto é, com a construção de ritos cerimoniais protocolares à organização de festas, cada uma seguindo sua própria liturgia, sempre a depender da temática, considerando o planejamento e estudo para a escolha e utilização de espaços apropriados a acolher a comunidade.

AO SOM DAS MELODIAS: O ENSINO DA MÚSICA COMO ELEMENTO FESTIVO

A música é um elemento cativante, sedutor e historicamente estruturado. Sua presença enquanto elemento educativo faz parte de uma trajetória longínqua, em alguns momentos utilizada como prática pedagógica e, em outros, fazendo parte do currículo escolar como disciplina específica: ensino de música ou canto orfeônico. As práticas desenvolvidas com a mediação da música possibilitaram movimento, cores e sons que auxiliavam o aprendizado da lição necessária.

Compreendendo o papel da música solidificado nos anos anteriores ao recorte temporal desta tese, recuaremos a lupa da investigação. Segundo Julia:

É no momento em que uma nova diretriz redefine as finalidades atribuídas ao esforço coletivo, os antigos valores não são, no entanto, eliminados como por milagre, as antigas divisões não são apagadas, novas restrições somam-se simplesmente às antigas. (JULIA, 2001, p. 23)

Em se tratando das comemorações escolares, a música teve um papel salutar para a sedimentação das práticas pedagógicas comemorativas, construindo sonoridades próprias para a cultura escolar. Na figura 37, pode ser observada a presença de músicos adultos e crianças, a forma do vestuário para a apresentação, a elegância das crianças ao segurar seus instrumentos musicais.

Figura 1 - Espetáculo musical para estudantes



Fonte: APES – FO 2000, caixa 16.

Através do ensino e aprendizagem da música e com música, eram possibilitados o desenvolvimento das habilidades requisitadas dos estudantes desde o início do processo de escolarização, na República. Entre esses componentes, ficaram em evidência a valorização da estética da natureza, do trabalho, da moral, do patriotismo e da disciplina. As festas, com o acompanhamento da música, conclamavam toda a população, como podemos perceber na nota do periódico *Gazeta de Socialista*, publicada na edição de janeiro a junho de 1958.

Festa de arte no colégio de Sergipe

Associação coral evangélica de Sergipe fará realizar no próximo sábado, 3 às 20 horas, no auditório do colégio estadual de Sergipe, a sua primeira audição, quando serão apresentados números selecionados de seu repertório de músicas sacras.

Ai ferida associação que tem como presidente o engenheiro Adielson Erasmo de Azevedo, tesoureiro bacharelado Eliezer Oliveira e secretária a senhora Maria de Lourdes Oliveira, tem o prazer de convidar, por nosso, intermédio às autoridades estudiosos da boa música e o povo em geral, para abrilhantar com suas presenças essa festa de arte e de inteligência. (*GAZETA DE SOCIALISTA*, janeiro a junho de 1958, p. 02)

O mundo da prática, ou da experiência, assumiu um papel essencial na construção do conhecimento sobre a escola e na fundamentação da cultura efetiva em que se materializam as ações e os discursos executados e interpretados pelas instituições educativas.

Entendemos os impressos como um canal de comunicação para convites e divulgação das atividades realizadas nas escolas, a saber: espetáculos, homenagens a ilustres e vários outros acontecimentos festivos que aproximam públicos, extrapolando as barreiras impostas pelos muros da escola e edificando a identidade nacional.

Nos anos de 1960, a partir da publicação da Lei nº 4024, de 1961, o canto orfeônico se tornou optativo nas escolas brasileiras, no entanto, já estava enraizada a presença da cultura da música nos espaços dos saberes escolares. Seu ensino foi delegado aos conservatórios de músicas especializados, abrilhantando práticas comemorativas com os estudantes das diversas instituições de ensino, nas diferentes tipologias celebrativas.

As paradas cívicas e os desfiles em homenagem à pátria eram dois dos elos entre a música e as festas. As bandas musicais se tornaram parte da escola tanto quanto as matérias de ensino, quadro, cadernos e lápis. A realização dos espetáculos dos escolares para a população eram aulas de música em sagração aos símbolos nacionais, tais como: Hino Nacional, Hino de

Sergipe, Bandeira Nacional, dentre outros. Os festivais das bandas escolares também foram populares nas escolas de Sergipe.

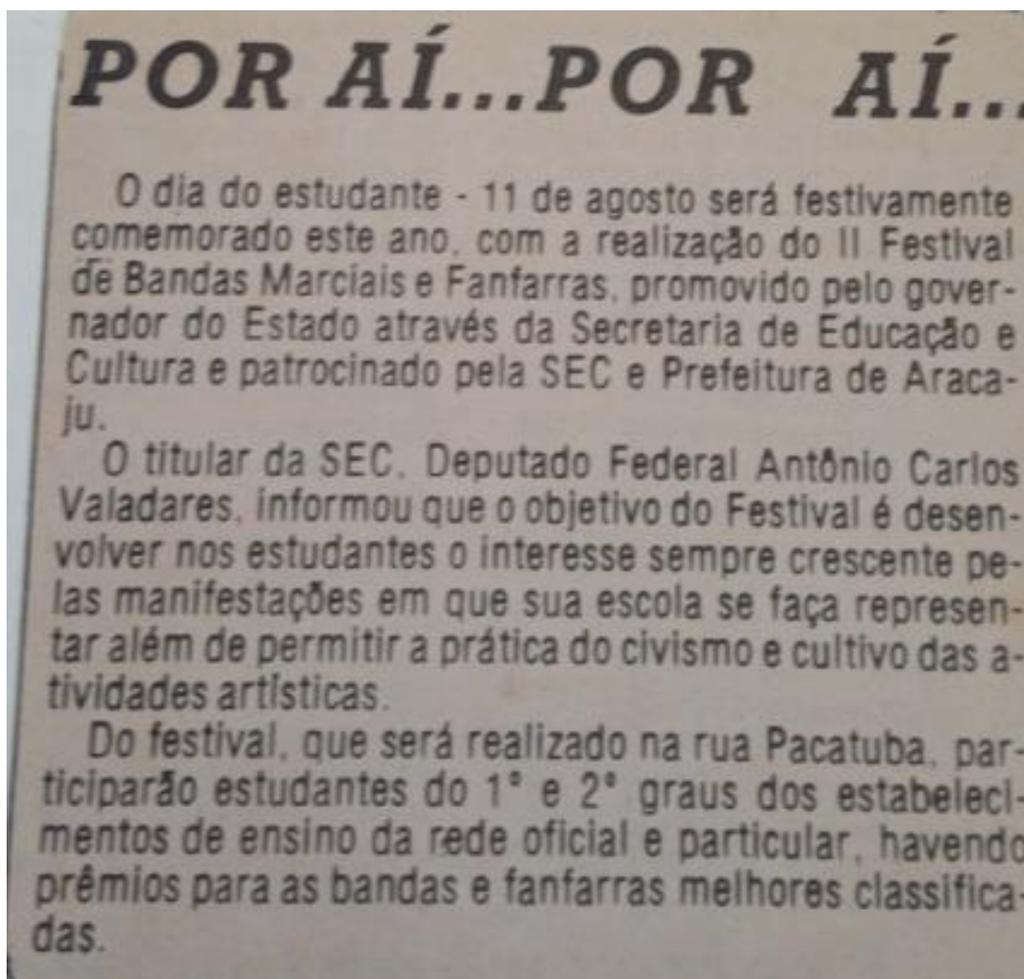
Figura 2- Banda marcial dos jogos da Primavera - 1966



Fonte: APES coleção fotografias – FO 515, caixa 06.

As celebrações ao Dia do Estudante se tornaram data comemorativa bastante popular nas escolas. Aproveitava-se da data para apresentar aos alunos o valor da imagem do estudante para a sociedade, como também sua responsabilidade para com a pátria. Ou seja, desenvolvendo o patriotismo enquanto sentimento de amor ao Estado. Desta feita, fortalecia-se o apoio ao governo enquanto autoridade, visto que se colocava como o guardião da nação. Estabelecer a importância dos alunos com a guarda do Estado significava fixar sua coparticipação no cumprimento dos seus deveres, assim, o civismo estaria estabelecido.

Figura 3 - Festa Dia do Estudante



Fonte: Hemeroteca APES, *Jornal de Sergipe*, 11/06/1979.

Figura 4 – Festival de Bandas de Sergipe



Fonte: Hemeroteca APES, *Jornal de Sergipe*, 11/10/1979.

Entre os anos de 1964 e 1985, as bandas ainda eram sucesso nas festividades escolares, diante do público elas brilharam e se consolidaram como parte das atividades pedagógicas da escola. Na sequência, o informe jornalístico noticiou mais uma participação dos alunos, das autoridades e dos demais populares:

Depois do discurso do prefeito Viana de Assis a banda municipal abriu o desfile. Em seguida a SecBanda fez uma apresentação a público e arrancou os aplausos de milhares de espectadores, o ponto alto da SecBanda foi quando ela parou em frente ao palanque oficial e saudou o prefeito e as personalidades. (*GAZETA DE SERGIPE*, 04 e 05 de setembro de 1988)

Outra atividade relacionada ao ensino de música foi o projeto “Clave do Sol⁴”, realizado nas escolas públicas de Aracaju. O projeto sinalizava uma possibilidade de despertar nos estudantes o gosto pela música, como também um caminho para aproximar os alunos das artes e distanciá-los das possíveis mazelas sociais. Nas fotografias a seguir, os alunos aparecem em um espaço diferente da sala de aula, visto que estão apoiando as folhas de papel no colo, uma vez que seus acentos não possuem base para a escrita; e, ao fundo, uma caixa amplificadora revela tratar-se de uma sala de música.

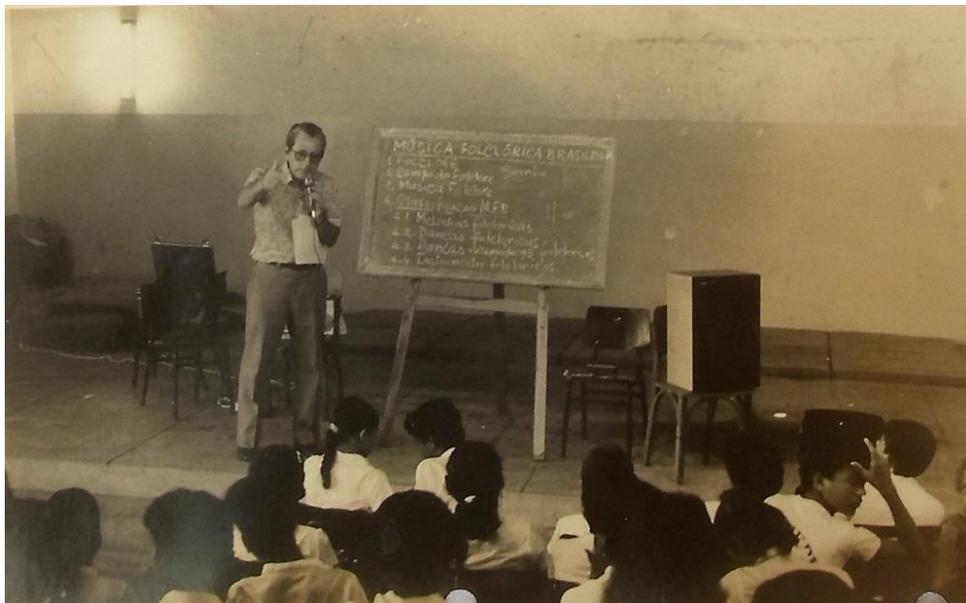
⁴ O projeto Clave do Sol levava o ensino de música a partir da compreensão dos instrumentos musicais para as escolas públicas de Sergipe.

Figura 5- Projeto Clave do Sol



Fonte: APES coleção fotografias – FO 515, caixa 14.

Figura 6 - Projeto Clave do Sol - ensino



Fonte: APES coleção fotografias – FO 1656, caixa 14.

Na imagem, o professor ensinava aos seus alunos alguns conceitos necessários a respeito das características da música brasileira, a exemplo da distinção entre o clássico erudito e a música folclórica brasileira, como princípios básicos para a compreensão dos

primeiros elementos teóricos para a formação de um músico. Depois, todos saboreavam as notas com o contato com os instrumentos.

Os registros demonstram as etapas do processo formativo, estabelecendo-se desde a exposição dos conceitos até a tão chegada a hora das apresentações. Assim, o conhecimento aprendido era construído, apropriado e representado pelos estudantes.

A inserção de projetos envolvendo jovens estudantes durante o período de ditadura militar pode ser compreendida enquanto forma de controle. Colocar os estudantes sob a guarda dos militares não necessariamente significava uso da força. Estar próximo e direcionar as atividades para além do divertimento também era uma forma de exercer controle. Nesse sentido, as atividades com a música vinculadas à escola foram de grande valia para a textura sociopolítica da época, pois unia o prazer proporcionado pelo ensino/estudo da música e a vigilância dos discentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da leitura das fontes, percebemos a presença das festas no ambiente escolar de forma transversal, perpassando por todo o ano letivo em diferentes contextos e ocasiões. Mas, o uso de temas ou ocasiões para festejar foi dinâmico, ora entrelaçado aos programas de ensino e orientações a decretos, ora para um lazer orientado.

As celebrações cívicas eram ocasiões favoráveis para serem tecidas atitudes e mentalidades que estavam em concordância com o contexto sociopolítico da época. Durante a Ditadura civil-militar, avivamos como um período de imposição da autoridade do Estado sob as premissas de civismo, patriotismo e obediência ao Estado. Assim, as festas escolares se configuraram, em alguns momentos, como aulas públicas, instruindo para as práticas cívicas; já em outros, apresentavam-se como instrumentos de inculcação de saberes nos espaços internos das escolas. Espaços estes em que as celebrações do calendário instituído em Sergipe, no ano de 1969, tornavam-se momentos de ludicidade, com músicas, teatro e dança.

No momento investigado, denominava-se o civismo como uma atuação consciente e esclarecida no seio da comunidade, através do cumprimento dos seus deveres de cidadania e do esforço em contribuir para o progresso e engrandecimento da pátria. Para tanto, era necessária uma vigilância permanente para que se conseguisse: obediência às leis, preservação da ordem, defesa da moral e dos bons costumes, estímulo aos valores positivos e

repressão aos fatores sociais negativos. Portanto, para que o civismo deixasse de ser apenas prescrito e se tornasse ensinável, algumas estratégias foram estabelecidas.

Além dos conteúdos didáticos trabalhados nas escolas, os desfiles públicos apontaram o olhar para a forma pela qual as escolas deveriam apresentar-se à sociedade. Entre as características percebidas, estavam: a ordem; a elegância nas vestes e na marcha dos estudantes; a presença do culto aos símbolos nacionais, a exemplo da Bandeira Nacional considerada um dos mais importantes símbolos da pátria; as fitas verde-amarelas fixadas nos uniformes; e os hinos. Encontravam-se nestas comemorações oportunidades para afirmarem os objetos simbólicos e tinham nos ritos determinados pelas instituições, uma sacralização que cobrava dos estudantes uma postura patriótica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOTO, Carlota. A liturgia da escola moderna: saberes, valores, atitudes e exemplos. **Revista História da Educação**, v.18, n. 44, p. 99-127, 2014.
- BURKE, Peter. **Testemunho Ocular**: história e imagem como evidência histórica. Bauru - SP: EDUSC, 2004.
- DANTAS, José Iberê. **História de Sergipe**: República (1980-2000). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.
- DE LUCA, Tania. História dos, nos e por meio dos periódicos. In.: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 111 – 154.
- ESCOLANO, Augustin. **A escola como cultura**: experiência, memória e arqueologia. Campinas: editora Alínea, 2007.
- FARIA FILHO, Luciano M. **Dos pardieiros aos palácios**: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República. Passo Fundo: UFP, 2000.
- FARIA FILHO, Luciano M.; VIDAL, D. G. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, p. 19-34, 2000.
- GALEFFL, Dante. O Rigor nas Pesquisas Qualitativas: Uma abordagem Fenomenológica em Chave Transdisciplinar. IN: MACEDO, Roberto Sidnei. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas**. EDUFBA, 2009.p. 13-66.
- INÁCIO FILHO; Geraldo e SILVA, Maria Aparecida. Reformas Educacionais durante a primeira República no Brasil (1889-190). In: SAVIANI, Dermeval (org) **Estado e Políticas Educacionais na História da Educação Brasileira**. Vitória: EDUFES, 2010, p 219- 252.
- JULIA, D. **A cultura escolar como objeto histórico**. Revista Brasileira de História da Educação, Campinas, n. 1, p. 9-44, 2001.
- LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. Tradução de E. Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- SANTOS, Patricia Batista dos. **No garbo de estudantes, na disciplina dos militares: ritos e práticas educativas nas comemorações cívicas escolares no estado de Sergipe (1964-1985)**. 2023. 184 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Tiradentes, Sergipe, 2023.
- VALDEMARIN, Vera Teresa. A construção do Objeto de pesquisa. In: SILVA, Marilda da e VALDEMARIN, Vera Teresa (org.). **Pesquisa em educação métodos e modos de fazer**. [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p 47-65.

VEIGA, Cynthia Greive. Educação estética para o povo. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

Artigo recebido em agosto de 2023. Aprovado em outubro de 2023.